

## O MEDIEVO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O LEMIMA COMO PROJETO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

**Magda Rita Ribeiro de Almeida Duarte**

Doutora em História (PPGHis)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro

E-mail: [magdarita@hotmail.com](mailto:magdarita@hotmail.com)

### **Resumo**

A inquietação que resultou neste trabalho, especificamente, foi a prática pessoal do ensino de história medieval. Com este artigo objetivamos apresentar um relato de experiência de trabalhar o medieval no Ensino Médio, integrando Ensino, Pesquisa e Extensão, no IFTM/Campus Paracatu, pelo LEMIMA – Laboratório do Ensino Médio sobre Idade Média e Antiguidades. Para tanto, serão delineados: a prática de ensino, os desafios enfrentados, a importância de um estudo orientado sobre o tópico e as conquistas do projeto.

**Palavras-chave:** Idade Média, Educação Básica, LEMIMA.

## THE MIDDLE AGES IN BASIC EDUCATION: LEMIMA AS PROJECT OF TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION

**Magda Rita Ribeiro de Almeida Duarte**

Doutora em História (PPGHIS)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro

E-mail: [magdarita@hotmail.com](mailto:magdarita@hotmail.com)

### **Abstract**

The concern that resulted in this paper specifically, was the personal practice of teaching medieval history. With this article we aim to present a report of experience on working the Middle Ages in High School, integrating Teaching, Research and Extension, at IFTM/Campus Paracatu, by LEMIMA – Laboratório do Ensino Médio sobre Idade Média e Antiguidades. To this end, we will outline: the practice of teaching, the challenges faced, the importance of an oriented study on the topic and achievements of the project.

**Keywords:** Middle Ages, Basic Education, LEMIMA.

**Preâmbulo**

Como tem sido a prática de ensino acerca do medievo na Educação Básica? Se a pergunta for considerada assim como se apresenta, genérica, generalizada, sua resposta se direciona para a velha fórmula, entre outros aspectos: a Idade Média associada à “Idade das Trevas”, a sociedade medieval quase que homogênea, sob a égide e o domínio da Igreja de Roma, um período de mil anos, aproximadamente, resumido a um conceito estreito e raso de feudalismo. Por óbvio, a ligação do medievo ao obscurantismo é encoberta pela explicação do surgimento e da consolidação do preconceito desde Petrarca aos iluministas. Mas isso não parece suficiente! A associação se mostra estampada na homogeneização da sociedade, do exercício do poder, das bases econômicas, das experiências de tempo.

Essa percepção talvez se revele incoerente com as discussões que já ocorrem há anos na universidade. A história medieval já superou, na academia, o bolor dessa implicância com a Idade Média. Pode ser que o vocábulo “implicância” minimize o peso do preconceito – mas, é clara a sobrevivência desse ranço na Educação Básica – a partir de agora EB. Decerto, seja essa a razão que tenha impulsionado inúmeros estudos sobre o medievo na formação de professores e no ensino dessa temática nos Ensinos Fundamental e Médio nos últimos anos.<sup>1</sup> Não é difícil de observar que existem vários elementos responsáveis pelo enguiço que impede que a EB acompanhe as discussões realizadas nos meios acadêmicos. São desafios diários que estão ligados à realidade dos professores e que, muitas vezes, recebem uma boa formação, mas tais empecilhos frustram sua tentativa de colocar seus debates *pari passu* com aqueles ocorridos intramuros universitários. (DUARTE; RUST, 2021:273-294).

Neste artigo, trago meu relato de experiência como professora da Educação Básica no IFTM, *Campus* Paracatu. Portanto, escreverei em primeira pessoa - “eu” - apenas porque se trata de uma experiência pessoal no exercício da minha profissão. E assim o faço com o objetivo de abrir possibilidades de discussões, de reflexões sobre o tema; e de, principalmente, ouvir, a partir de possíveis debates, opiniões de formadores e pares que possam aprimorar e consolidar meu trabalho sobre a Idade Média com a EB. Tal experiência se refere a um projeto de ensino, pesquisa e extensão executado com alunos dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio de

---

<sup>1</sup> Vários estudos importantes podem ser citados, mas os mais recentes, sobre os quais temos notícias, foram publicados numa única obra a qual aborda uma profusão de temas da história medieval e sua importância para o ensino – na formação de professores e na Educação Básica: VIANNA, 2021. Entre outros estudos sobre essa temática registro: MACEDO, 2007. p. 109 – 125; VIANNA, 2017, p. 16 – 31.

Administração, Eletrônica e Informática, dos primeiros aos terceiros anos. Inicialmente, por se restringir aos estudos medievais, o plano de trabalho foi intitulado LEMIM – Laboratório do Ensino Médio sobre Idade Média. A partir de 2021, com o ingresso de um professor colaborador no grupo, trazendo uma proposta de ensino de línguas como Grego Antigo e Hebraico, o projeto se tornou mais abrangente também no seu título: LEMIMA – com o acréscimo de Antiguidades, para abarcar a Antiguidade Clássica e a Oriental.

### **A prática de ensino sobre Idade Média e os desafios**

Antes mesmo de descrever o projeto que ora apresento, registro que, não raro, a percepção que tenho, pela maneira que o tópico é recebido pelos alunos, ao ministrar os conteúdos de Antiguidade e Idade Média, é que a primeira parece extraída de uma cartola mágica, um mundo carregado de lendários personagens e vivências completamente desconectadas da realidade. O passado parece tão distante, que nem teria existido a não ser como parte de uma narrativa mitológica. Por sua vez, a segunda, o medieval, parece estar entranhado nas jovens cabeças como um período de desmandos eclesiásticos, guerreiros inglórios, bruxas, hereges e fogueiras. Um período longo e masculinizado, em que o espaço para as mulheres não se revela ou não tenha existido.

Esse é o primeiro desafio de se lecionar essa temática no Ensino Médio. A existência de um (pré)conceito (FRANCO JÚNIOR, 2001) cheio de estereótipos proveniente de uma exaustiva reprodução na escola, nos livros didáticos, nas redes sociais, nas videoaulas de canais diversos na internet. A realidade do aluno está carregada por desinformações sobre a Idade Média, em razão desses preconceitos. A Igreja é estudada como uma poderosa instituição também marcada pela uniformidade e coesão, sem disputas internas de poder, sem divergências entre alto e baixo clero, ou mesmo entre grupos clericais similares. A sociedade, por integrar a Cristandade, é revelada com uma conduta de grande submissão à Sé Romana, como se não houvesse poderes concorrentes e autônomos por toda a extensão da Europa Medieval.

Que a mídia livre difunda várias informações equivocadas parece aceitável – por isso a necessidade de haver sempre orientação nas pesquisas escolares realizadas na *web*. Mas equiparar a ela os livros didáticos soa estranho. Pois, como instrumentos de ensino espera-se que sejam confiáveis, pela qualidade na elaboração, por serem, de modo mais recorrente, a fonte

de consulta a que alunos e professores da escola pública têm mais acesso. É notória a profusão de novos trabalhos – de áudio, vídeos e textos – produzida nos últimos dois anos! Mas é tudo muito novo e a disponibilidade de grande parte desses materiais não ocorre da mesma maneira para todos os alunos e professores. Em geral, além disso, nas escolas de ensino básico, não se prioriza tempo de qualidade para que os professores se dediquem à pesquisa, à busca e à produção de novos materiais. Entre outras questões da realidade escolar, a desafiadora tarefa de selecionar, recortar, produzir materiais escritos, especialmente que motivem a leitura, para cada nível da Educação Básica, contribui para que o livro didático mantenha sua função no cotidiano pedagógico (os inúmeros problemas, inclusive, de marginalização ou discussões irrefletidas de diversas temáticas nas edições disponibilizadas em 2022 requerem uma discussão aprofundada em outro trabalho). E quando essas ferramentas tão essenciais ao ensino relegam determinados temas ou reproduzem dados distorcidos sobre eles, têm-se como consequência a consolidação de preconceitos que, muitas vezes, já são propagados pelos meios de comunicação sem compromisso com as pesquisas acadêmicas. Esse é a percepção de Marta Silveira (SILVEIRA, 2017:80-81), com quem concordamos, nesse ponto. Isso ocorre no que se refere à Idade Média de modo geral e a várias temáticas como é o caso das mulheres naquele período, que foi o assunto abordado por Silveira.

### **Do LEMIM para o LEMIMA, um projeto para o Ensino Médio**

Ao terminar o doutorado, em 2018, com uma tese sobre História Política Medieval – acerca do papado de Inocêncio III(1198 – 1216) e a Cruzada Albigense –, um sonho, quase que um devaneio, se apresentava como projeto. Como professora da Educação Básica, desafiei-me a continuar a pesquisar sobre a Idade Média com meus alunos do Ensino Médio. Era um desafio de grande envergadura, pois os editais de Iniciação Científica terminavam, e ainda o fazem, por atribuir maior valor aos projetos voltados para a diversidade, as relações étnico-raciais, as propostas de inovações associadas aos cursos técnicos. Sendo assim, a decrépita formulação de para que serve pesquisar sobre Idade Média aparecia revestida com uma novidade – o questionamento de porque se estudar essa temática na Iniciação Científica do Ensino Médio, ou, mesmo, qual seria a utilidade dessas investigações para os alunos daquele nível escolar.

Além disso, outra questão desafiadora é que a ementa de história que traz o medievo como tópico é o primeiro ano. Em geral, é uma série em que os discentes estão no início de um

processo de amadurecimento, acabaram de chegar ao Ensino Médio e de assumir a responsabilidade de uma profusão de disciplinas técnicas e propedêuticas – pois os cursos são técnicos integrados. Portanto, os alunos se revelam, por vezes, nessa etapa, com menor maturidade acadêmica para desenvolver com êxito um projeto de pesquisa.

Ainda assim, começamos a executar o plano de trabalho. A proposta inicial era desenvolver projetos de pesquisa, de acordo com a demanda de editais, instigar o interesse dos alunos para o desenvolvimento dos trabalhos. Convém aqui lembrar que, independentemente da temática, a Iniciação Científica se constitui numa importante ferramenta, aliada do ensino e isso é trazido já nos ditames da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (Ver, por exemplo, BRASIL, 2018). Há quase duas décadas que o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) fomenta pesquisas a partir de programas que abarquem alunos do Ensino Médio, buscando incentivar o desenvolvimento da educação científica e tecnológica no país. Literalmente, o CNPq define que os objetivos de conceder financiamentos para pesquisas nessa etapa escolar são, em primeiro lugar, “fortalecer o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos e tecnológicos básicos”; e, em segundo, “desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes”. (BRASIL, 2012).

Em 2018, já no segundo semestre, tivemos nossa primeira bolsista de Iniciação Científica e o tema era “Cruzada”. Não há como negar que foram muitos os obstáculos. A luta para vencer os estereótipos consolidados, a aprendizagem de se perceber a construção histórica composta por interpretações e, muitas vezes, por modelos explicativos bastante arraigados – tudo isso se configurou em árdua tarefa. Mas, a experiência foi bem interessante, pois a aluna, além de aprender sobre a investigação histórica, pôde também se dedicar aos estudos sobre história e cinema, pois sua pesquisa era sobre o filme *Kingdom of Heaven*, de Ridley Scott (2005). Foi também profícua, pois abarcou o ensino de história e o uso dos filmes como recursos didáticos considerando a premissa de que era necessária uma metodologia específica, adequada, tanto para estudo quanto para emprego das obras cinematográficas em sala de aula. (ABUD, 2003). Além disso, a experiência foi importante para a compreensão de como a Idade Média é retratada pelo cinema e como isso acarreta percepções bastante preconceituosas sobre o período – negativas ou romantizadas, a depender da produção e das influências que ela sofreu.

Antes que essa pesquisa terminasse, propus mais três projetos de Iniciação Científica: um ainda sobre história e cinema, mas tendo como cenário a floresta régia de Sherwood, em Nottinghamshire, na Inglaterra medieval, e seu lendário personagem do final do século XIII:

Robin Hood. A fonte era o filme Robin Hood, também de Ridley Scott (2010). Durante algum tempo pudemos ler e discutir juntos vários trabalhos que também utilizaram os filmes como documento. Foi uma experiência muito enriquecedora! Os alunos pesquisadores do tema experimentaram a prática analítica do filme como fonte e a observação de como passado e presente se relacionam na construção histórica. Entre os principais textos que contribuíram para as discussões sobre a temática História e Cinema estão trabalhos de Silene Claro (2012, 2013) e José D'Assunção de Barros (2011, 2016).

Se nos dois primeiros projetos utilizamos o cinema como fonte, os outros dois trabalhos utilizavam fontes escritas traduzidas. Um aluno se dedicou a estudar a biografia de São Luís, de Jacques Le Goff e a investigar as ressonâncias medievais na devoção ao rei Luís de França, aqui, na cidade de Paracatu, onde há uma igreja dedicada ao rei francês; e a outra estudante se debruçou sobre um fragmento da crônica de Guilherme de Puylaurens (*Chronica*) sobre a Cruzada Albigense, mais especificamente investigando sobre a perspectiva desse cronista sobre a Batalha de Muret (1213). Com duas tipologias documentais diferentes, as discussões foram enriquecidas a chegar a percepção de que cada documento tem uma maneira de revelar o passado e que isso não acontece sem a influência direta dos interesses de quem o formula. Isso não representa qualquer novidade para quem já conhece o ofício do historiador, por óbvio. A originalidade está em quem está executando cada projeto de pesquisa: alunos do primeiro ano do Ensino Médio! E não foi sem razão que o grupo começou suas leituras justamente pelo clássico *Apologia à História ou o ofício do historiador*, de Marc Bloch (2001).

Com quatro projetos em andamento, era possível a formação de um grupo de estudos: nasce, então, o LEMIM: Laboratório do Ensino Médio sobre Idade Média, em março de 2019. O grupo começou a se reunir, uma vez por semana, com dois objetivos: para que os alunos pudessem apresentar aos pares os avanços das suas pesquisas, suas dificuldades e descobertas; mas, sobretudo, para ler e debater textos sobre teoria e metodologia que os norteassem no desenvolvimento de suas pesquisas. O desenrolar das pesquisas demandava apoio e orientação semanal! Não somente para a compreensão da bibliografia concernente a cada trabalho, mas também entender minimamente aspectos teóricos e metodológicos fundamentais para a pesquisa. A partir dessa etapa, comecei a articular pelo Laboratório possibilidades de atrair alunos que ainda não tivessem pesquisa, com a finalidade de conhecerem os estudos, de terem noções sobre pesquisas acadêmicas por meio dos encontros semanais e, caso se interessassem,



de terem a oportunidade de participar da escolha dos temas e da elaboração dos projetos, nas circunstâncias dos editais.

Nessa fase, os encontros foram divulgados na escola e com convite para a comunidade escolar a participar dos estudos semanais. Era uma oportunidade para estudar a Idade Média, para além do que era oferecido em sala de aula. E a proposta funcionou: naquele mesmo ano, mais um bolsista entrou para o grupo e começou a se dedicar aos estudos sobre a Primeira Cruzada, conhecendo os registros do discurso de Urbano II, em Clermont (1095). Não enchamos salas de alunos interessados em pesquisar sobre o medieval, mas não era esse o objetivo. Na verdade, não seria possível um grupo extenso desenvolver um trabalho proveitoso nas atividades do LEMIM se tudo fosse levado como em uma classe, com uma metodologia de aula expositiva. O propósito maior era que os membros do grupo, os pesquisadores mirins, tivessem a oportunidade de participar ativamente do desenvolvimento da construção histórica e se percebessem como sujeitos ativos nesse processo.

A grande finalidade do projeto naquela fase, e isso foi se aperfeiçoando ao longo do tempo, a cada pesquisa desenvolvida, era a alfabetização científica desses alunos. Pensando a realidade da escola pública no Brasil, a oportunidade da Iniciação Científica pode transformar a vida de muitos estudantes. Especialmente a partir do reconhecimento de si mesmo como um sujeito ativo na construção histórica com capacidade para transformar seu meio. Melhora o currículo do aluno, aumenta suas chances de ingresso na universidade, amplia suas possibilidades de pesquisa universitária. Cabe aqui anotar então, o que pensamos sobre o intrincado conceito de alfabetização científica. Ponderando as discussões encabeçadas por Attico Chassot (2003:91), consideramos que fazer pesquisa é, numa perspectiva freiriana, uma conduta política e no caso dos alunos do Ensino Médio, isso é mais pujante. Pela noção aplicada por Anna Carvalho e Lúcia Sasseron, pensamos que a alfabetização científica, para o caso do LEMIM em atuação na Educação Básica, abrange o desenvolvimento de habilidades e competências que se vinculam ao fazer científico da história, pertinentes à pesquisa de modo geral; a interação com outras culturas e reconhecimento de uma profusão de possibilidades de se compreender e de se interpretar o passado. Mas, mais que isso, o reconhecimento de si mesmo como agente histórico de papel ativo e destacado, com capacidade para entender e transformar a sociedade em que vive.<sup>2</sup> A percepção de aprimorar a capacidade de transformação social se harmoniza com o

---

<sup>2</sup> Citei essa mesma formulação em outro trabalho de minha autoria ainda no prelo intitulado “As mulheres medievais na Educação Básica: do androcentrismo à indiferença.” Embora não tenhamos a intenção de aprofundar *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 16, n. 30, jan. - jun. 2022.* ISSN: 1982 -193X



ponto de vista de Chassot (2003), com quem estamos de acordo, que reconhece na alfabetização científica um meio de inclusão social.

Retomando o relato, no desenvolvimento do projeto foi possível aprofundar os estudos sobre o documento como um elemento fundamental da pesquisa histórica. Além das leituras, houve circunstâncias que favoreceram ainda mais esse aprendizado. Havia uma bolsista que não pesquisava Idade Média, mas tinha passado por outro processo seletivo e terminou por ficar sob minha orientação. Ela participava das reuniões semanais e dos estudos sobre teoria e metodologia. Seu tema era escravidão no século XVIII, relacionado à fundação de Paracatu, Minas Gerais. Naquela ocasião a pesquisadora precisou de fazer visita guiada ao Arquivo Público da cidade e a uma comunidade quilombola, entre as muitas que existem no município. O momento foi oportuno para trabalhar a importância dos documentos e explicar sobre os diferentes suportes em que são registrados. Não aprofundamos nas noções de Arquivologia, mas foi muito enriquecedor para o grupo de pesquisa como um todo.

As apresentações dos pesquisadores não ficaram restritos aos participantes do LEMIM. O grupo de alunos teve a oportunidade de apresentar suas pesquisas em andamento em seminários de Iniciação Científica regional e local e a pergunta que mais ouviram da comissão científica foi: por que um aluno do curso técnico em Eletrônica ou Administração não se dedicava a um projeto de pesquisa “da área” em vez de se debruçar sobre a Idade Média? Qual a utilidade do trabalho? Não havia utilidade naquela pesquisa, segundo alguns avaliadores. E, talvez, aí tenha residido nosso maior desafio. Na universidade, entre os medievalistas, não é mais necessário ter um repertório de motivos para se estudar qualquer tema relacionado as experiências humanas no tempo (BLOCH, 2001:55). Mas na Educação Básica isso é comum. Os pesquisadores discentes do LEMIM estavam preparados para responder a essas perguntas, pois os estudos semanais abarcavam análises às experiências do presente que a todo momento evocam o medievo, por exemplo. E eles voltaram dos eventos surpresos com os

---

a discussão aqui, entre os estudiosos, as discussões são intermináveis no que respeita às formulações “alfabetização científica” e “letramento científico”. No que se refere ao conceito de Carvalho e Sasseron que empregamos para reformular para as finalidades da Iniciação Científica sobre o Medievo e Antiguidades e outros projetos do LEMIMA, trata-se da seguinte: “usaremos o termo “alfabetização científica” para designar as ideias que temos em mente e que objetivamos ao planejar um ensino que permita aos alunos interagir com uma nova cultura, com uma nova forma de ver o mundo e seus acontecimentos, podendo modificá-los e a si próprio através da prática consciente propiciada por sua interação cerceada de saberes de noções e conhecimentos científicos, bem como das habilidades associadas ao fazer científico”. (CARVALHO; SASSERON, 2011:61) Agradeço imensamente ao meu amigo e colega Professor Juliano Gonçalves Aquino por me enviar textos sobre a discussão acerca da alfabetização científica.

questionamentos e, muitas vezes, indignados, pois reconheciam o papel transformador da Iniciação Científica em suas vidas, independentemente do tópico investigado. Para eles ficava ainda mais clara a percepção de como o tema da Idade Média era carregado de preconceitos, estereótipos reforçados por historiadores de outras áreas. O assunto não é esse, todavia! A questão é a validação da perspectiva da utilidade, ou, melhor, da serventia, da finalidade do estudo. Serve para quê? Traz que “inovação tecnológica”?

A partir de 2020, antes mesmo de começar o grande desafio da pandemia, os trabalhos começaram a se encaminhar para uma temática mais específica: as mulheres medievais. A primeira pesquisa sobre Clara de Assis e seu esforço em garantir o Privilégio da Pobreza, numa batalha que envolveu a fundadora da Ordem Franciscana feminina e o Papado. Aqui também se manteve a preocupação com a análise documental. Como em todos os projetos, a importância do estudo da bibliografia era bastante enfatizada, mas, sobretudo, valorizou-se em todos os casos a análise das fontes. No caso da seguidora de Francisco de Assis, a bolsista lançou mão da observação da própria Regra de Santa Clara e pôde confrontá-la com a bibliografia pertinente a que teve acesso.<sup>3</sup> A grande questão a partir de então era investigar como as mulheres eram retratadas nos livros didáticos. Elas apareciam? Se a resposta a essa pergunta for positiva, como era essa “aparição”?

Além disso, naquele ano começamos a enfrentar um novo desafio, mas também uma possibilidade de crescimento: continuar as pesquisas iniciadas no ano anterior, com algumas condições limitadas em razão da pandemia, mas com outras possibilidades de ampliação do grupo. O uso das novas tecnologias para ensino remoto contribuiu para a continuidade dos trabalhos: os encontros semanais se mantiveram via Google Meet. E foi à distância que os estudos do LEMIM avançaram no estudo de mulheres da Idade Média. Mais quatro projetos foram organizados. Cada um sobre uma mulher medieval: Matilde da Toscana, Leonor da Aquitânia, Branca de Castela. Um aluno, participante ativo do grupo de estudos, escolheu uma personagem do século XVI para o seu projeto: Mary Stuart. Foi uma experiência ímpar! Além da bibliografia pertinente a cada assunto, o grupo leu e debateu textos sobre as mulheres

---

<sup>3</sup> Regra de Santa Clara. Disponível em: [https://www.capuchinhos.org/images/franciscanismo/santa\\_clara\\_assis/fontes/escritos\\_1\\_regra.pdf](https://www.capuchinhos.org/images/franciscanismo/santa_clara_assis/fontes/escritos_1_regra.pdf). Acesso em 11 Abr 2022. Entre os textos estudados para esse trabalho estão: AGUIAR, 2016; GAJANO, 2006, p.449-462 e SILVA, 2008.

medievais, bem como acerca da metodologia utilizada por cada pesquisador, confrontando bibliografia de estudo em conjunto com os trabalhos apresentados por cada bolsista, mês a mês.<sup>4</sup>

Além dessas atividades, em 2020, o grupo organizou e gravou um *podcast* que foi publicado no Instagram do Conexão IF e intitulado *Os Estudos Medievais no IFTM – Campus Paracatu*. No *podcast*, conversei com quatro alunas sobre os trabalhos que desenvolvemos no LEMIM naquele ano, acerca da regularidade das reuniões, os textos lidos e assuntos discutidos, suas impressões, além das pesquisas que estavam realizando. Foi uma ocasião importante para o grupo porque era um momento de fechamento dos trabalhos de 2020 e é possível perceber, nas falas das alunas, o seu entusiasmo por participar do Laboratório. E embora fosse o desfecho do ano, naquele último trimestre havíamos conseguido uma parceria com a professora Virna Sobral, de Latim, que ofereceu uma oficina da língua para o grupo, *online*. Embora tenham sido poucos encontros, a atividade enriqueceu muito a experiência dos alunos. O curso durou até o início de 2021 e destacou de maneira introdutória alguns aspectos do Latim, inclusive apresentando as primeiras declinações. Além disso, nesse período, apresentei o projeto em eventos nacionais e o nome do grupo começou a se difundir entre alguns círculos de medievalistas.

E, em 2021, o projeto LEMIM se transforma em LEMIMA – Laboratório do Ensino Médio sobre Idade Média e Antiguidades e é inscrito em chamada de edital institucional para projetos de ensino. Até então somente as pesquisas eram vinculadas a editais, cada uma. O grupo de estudos e as reuniões semanais não eram oficiais, embora ocorressem regularmente. O LEMIMA continua a executar as atividades de pesquisas, mas estende sua atuação para a extensão e para o ensino também, neste caso, oficialmente. Mas, a partir de então, traz a possibilidade de estudos sobre as antiguidades oriental e clássica, bem como de interdisciplinaridade – um ponto, este último, que enriquece sobremaneira o desenvolvimento do projeto.

Ao longo de todo o ano, dessa maneira, o LEMIMA buscou alinhar ensino, extensão e pesquisa, com um programa que atendesse aos alunos do IFTM/*Campus Paracatu*, mas também abrisse portas para interessados de fora da instituição, estudantes de outros lugares, especialmente nas atividades de extensão. Estávamos no auge da pandemia e todos os cursos

---

<sup>4</sup> Entre alguns dos textos discutidos em grupo, além da pesquisa de cada bolsista, cito: MACEDO, 2002; COELHO, 1997, p. 82-91; Fragmentos de DUBY, 2013.

*online* funcionando muito bem. Pensando no conteúdo que estava sendo aplicado em classe, especialmente no primeiro ano, cuja ementa abrange todos os períodos históricos antes da modernidade, o Laboratório organizou três palestras distribuídas no decorrer do ano, transmitidas pelo YouTube, por meio do canal Conexão IF.

A primeira foi uma atividade interdisciplinar com a participação da arqueóloga, Doutora, Livia Oliveira e Lucas que proferiu a conferência intitulada “Escavando a História profunda do Brasil”. Foi uma aula especial porque a percepção de registros das experiências humanas trazidos pela Arqueologia suscitou reflexões interessantes sobre o que é documento e o que pode ser utilizado como fonte histórica. Em seguida, tivemos “Idade Média X Game of Thrones: o que se pode aprender sobre o medievo assistindo a série”, com o medievalista, Mestre, José Vitor de Lucena Canabrava. A palestra foi importante para o público-alvo principal, alunos do Ensino Médio, porque apresentou diversos aspectos do longo período que se convencionou chamar de Idade Média e contribuiu para enriquecer as discussões tanto dos temas trabalhados em sala de aula quanto aqueles debatidos nas reuniões do LEMIMA. Por último, para ampliar o entendimento sobre experiências temporais diferentes e acerca de outros preconceitos que ligam o presente ao passado, com o tema “As mulheres no Islã: reflexões acerca das mulheres nas diversas ramificações do Islamismo”, o Laboratório recebeu a historiadora, Mestre, Paula Djanine Sousa Moraes. As conferências alcançaram um número significativo em relação ao esperado. Contávamos que teríamos uma média de 600 visualizações, especialmente, pelos alunos dos primeiros anos que estavam estudando os tópicos em sala de aula. Tivemos mais de 1500 acessos, no entanto.

Essa experiência foi notável, porque não foram aulas lúdicas para atrair alunos desinteressados. Não foram momentos de recreação, em meio à pandemia, para granjear a atenção de discentes desgastados com tantas aulas *online*! Foram conferências com especialistas, expondo suas pesquisas como em um congresso para universitários. Eis o motivo pelo qual fiz questão de registrar os apostos “mestre” e “doutor” no parágrafo anterior. E o trabalho foi bastante frutífero: eles participaram com entusiasmo e isso fez diferença nas conversas sobre o assunto em sala de aula. Contribuiu imensamente com desenvolvimento dos alunos o trabalhar as temáticas por meio de estudos acadêmicos aprofundados, através da ciência e não do senso comum, como é corriqueiro na linguagem midiática.

Entre as atividades extensionistas, o LEMIMA também organizou e ofereceu em 2021 um curso de Introdução ao Grego Antigo. As aulas foram ministradas por um professor do IFTM, filósofo e teólogo, que também é membro do Laboratório – Samuel de Jesus Duarte. O curso foi amplamente divulgado nas redes sociais, havendo uma adesão significativa de interessados de várias partes do Brasil e uma inscrita do exterior. A duração da atividade foi de abril a outubro quando se concluiu a programação. O que mais chamou a atenção é que grande parte dos concluintes eram nossos alunos do Ensino Médio. Alguns, inclusive, dos primeiros anos. Considero que foi uma experiência também muito exitosa, não porque mais de uma dezena de alunos completaram a carga horária exigida. Mas, porque, ao ser finalizado, o curso se apresentou fecundo em razão do seu desdobramento – um projeto de pesquisa de iniciação científica que está em andamento: “Contribuições do Estudo do Grego Antigo para estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio”, proposto e orientado pelo professor Samuel de Jesus Duarte.

Ainda nesse pilar da extensão, o grupo criou, em 2021, um perfil no Instagram para publicar as atividades do grupo. Nessa ação, algumas dezenas de postagens acerca dos temas pesquisados pelo grupo, entre outros, foram organizadas pelos estudantes do LEMIMA.

No que se refere ao ensino, além dos aspectos teóricos e metodológicos, no decurso de 2020 e 2021, selecionamos alguns assuntos para estudar nos encontros semanais. Lemos sobre bruxaria, sobre as mulheres medievais, sobre heresia, e, durante todo o primeiro semestre de 2021 estudamos sobre história política medieval, com alguns textos sobre o Papado na Idade Média<sup>5</sup>. Cada reunião era liderada por dois membros: um ficava encarregado de apresentar a figura de papa emblemático, escolhido previamente, da maneira como aparece em textos sem compromisso com a ciência histórica – em outras palavras, pesquisa livre na internet; e o outro discente apresentava e conduzia a discussão sobre um texto acadêmico acerca do referido pontífice. Essa fase também foi muito importante para os membros do Laboratório, pois os estudantes puderam observar como abundam no mundo virtual imagens estereotipadas sobre essas lideranças medievais e como as interpretações acadêmicas ampliam as possibilidades de se compreender o passado. Além disso, foi igualmente expressivo porque a maior parte dos

---

<sup>5</sup> Procurei escolher para trabalhar com eles alguns nomes mais polêmicos que são mais recorrentes na mídia ou mesmo nos livros didáticos para aguçar o interesse e a criticidade deles. Estudamos sobre a lendária Papisa Joana, João XII, Gregório VII, Inocêncio III e sobre alguns considerados antipapas. Sobre as temáticas, ouvimos *podcasts* e fizemos leituras como: RUST, 2019; RUST, 2015; RUST, 2011; LIMA, 2020, entre outros.

textos lidos era de autoria do medievalista e principal referência nacional nesse assunto do Papado Medieval, Leandro Duarte Rust, o qual, a convite, participou das reuniões do grupo, por duas vezes, num quadro que chamamos de “Conversa com o Autor”. Uma etapa emblemática que encheu de entusiasmo os alunos integrantes do projeto.<sup>6</sup>

No que se refere à pesquisa, conforme mencionado, até agosto/2021, quatro projetos foram desenvolvidos sobre mulheres medievais e, em setembro, começamos um novo projeto sobre a Idade Média nos cordéis. Esse projeto ainda está em andamento sob nossa orientação. A outra pesquisa é o supramencionado trabalho sobre o Grego Antigo no Ensino Médio, também ainda em desenvolvimento. Em razão da interdisciplinaridade, o LEMIMA, com grupo de pesquisa, tem outros projetos de Iniciação Científica em desenvolvimento, da área de Sociologia, orientados pelo professor colaborador Samuel de Jesus Duarte.

### Um breve balanço

Nesses anos de realização das atividades do LEMIMA, com todas as propostas, mesmo com uma divulgação intensa, em sala de aula, principalmente, não houve uma procura intensa para a pesquisa, nem para as atividades do projeto de ensino. Era esperado isso, já que, considerando as centenas de alunos que matriculados, são poucos aqueles que se interessam pela pesquisa – não somente para a área de história. Houve, no entanto, bastante engajamento nas atividades de extensão. Observei que os alunos que se interessavam mais em se tornar membro do grupo e participar de todas as ações eram aqueles que, em geral, se dedicavam mais aos estudos de todas as disciplinas, reconhecendo o valor de cada matéria no seu desenvolvimento. Muitas vezes, esses discentes revelaram que consideravam o projeto como uma oportunidade extraordinária de crescimento acadêmico.

Durante o segundo ano de pandemia os desafios aumentaram, pois o contato com os alunos em sala de aula virtual não ajudou no “recrutamento” para o grupo de estudos. Desse modo, até outubro de 2021, quase todos os participantes eram os mesmos de 2020 e 2019. Sim. Houve alunos que ficaram do primeiro ao terceiro ano participando das atividades do grupo e tiveram significativo engajamento no ensino, na pesquisa e na extensão. Ademais, outros desafios

---

<sup>6</sup> Sublinhamos que todas as atividades do LEMIMA entre março de 2020 e outubro 2021 foram realizadas *online* via Google Meet.



emergiram. Surgiram questionamentos entre os pares sobre a validade desse projeto. A questão era: qual a novidade? Isso já não deveria ser realizado em sala de aula? A pesquisa não seria um recurso fundamental para um processo de ensino e aprendizagem eficaz? E os estudos aprofundados sobre o Medieval? Por que não implementá-los em classe da Educação Básica? Por que não trazer para a sala de aula as discussões acadêmicas já corriqueiras nas universidades?

A pesquisa escolar é, de fato, um instrumento basilar no cotidiano do ensino de história. Mas a pesquisa em história medieval, por meio da Iniciação Científica institucionalizada, da maneira como vem sendo realizada no LEMIMA, de modo integrado à extensão e ao ensino não é possível de ser executada em sala de aula. Embora seja uma proposta desafiadora, é possível considerar uma análise documental de modo superficial em turmas de 40 alunos. Mas não é simples, empregar metodologias de pesquisa acadêmica, mesmo que de maneira introdutória, a uma quantidade tão grande de alunos simultaneamente. Há uma ementa a ser cumprida num prazo relativamente exíguo. E há exigências e propósitos bem distintos em virtude dessa ementa. E, em razão disso mesmo, não se consegue aprofundar os estudos sobre a Idade Média em classe. Desse modo, muitos preconceitos, muitos estereótipos, sobre o medieval continuam sendo reforçados. Os alunos nesse nível educacional esperam se preparar para os vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e nessas avaliações os antigos rótulos continuam sendo impressos sobre a Idade Média, uns de modo mais velados, outros mais escancarados como: o obscurantismo, o poder inabalável e inquestionável da Igreja sobre toda a cristandade, a submissão das mulheres medievais, o feudalismo quase como sinônimo de medieval, entre outros. (Ver DUARTE; RUST, 2021:273-294)

O ineditismo do LEMIMA está em, justamente, romper com as limitações impostas pelas exigências da realidade da escola na Educação Básica. O aluno que se interessa por aprofundar a temática tem a oportunidade de confrontar o que aprende nos livros didáticos, ou mesmo em outras fontes livres da internet, que ainda carregam a imagem estereotipada da Idade Média, com as discussões e interpretações trazidas pelos textos acadêmicos. E é nesse ponto que reside a importância do Laboratório: os estudos orientados extraclasse contribuem para essa reflexão. Mas não é só isso! Os esforços do LEMIMA não se resumem a abrir os olhos dos discentes para equívocos, mas torná-los mais críticos, reflexivos, capazes de transformação das suas próprias vidas e do mundo em que vivem, a maneira de Chassot (2003).



Apesar dos inúmeros desafios enfrentados, considero que o LEMIMA tenha tido bons resultados! Melhores ainda que os esperados! Todas as atividades propostas desde o LEMIM até a ampliação da possibilidade de estudos da Antiguidade, bem como de projetos interdisciplinares como grupo de pesquisa no CNPq, tudo teve uma resposta significativamente positiva dos alunos. Houve muitos ganhos, nos estudos medievais, mas, especialmente, no âmbito educacional, como um todo. Entre os resultados mais importantes está aquele que destaca a pesquisa integrada ao ensino de história como um elemento fundamental ao processo de ensino-aprendizagem: o aluno pesquisador não somente se reconhece como protagonista nesse transcurso, mas também percebe que as diferentes percepções do passado compreendem interpretações que dependem de fatores diversos, muitas vezes, contemporâneos. E como agente desse processo, com as habilidades e competências desenvolvidas ao longo da Iniciação Científica, ele vislumbra mais robustez no seu aprendizado e maiores possibilidades de efetivação de um bem estruturado projeto de vida. O Laboratório está em fase de consolidação e, certamente, em 2022, virão novas atividades para seu fortalecimento como um grupo de estudos, ensino, pesquisa e extensão na Educação Básica.

### **Bibliografia**

ABUD, Kátia Maria. A construção de uma didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **Revista História**, São Paulo, Volume 22, nº1, 2003, p. 183 – 193. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/jMrYY4HDZR8RwmNsqrWx7hK/abstract/?lang=pt>. Acesso em 29 Mar 2022.

AGUIAR, Veronica Aparecida. **Ancilla Christi, plantula sancti Francisco: o evangelho e a pobreza como forma de vida em Clara de Assis (1212-1253)**. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 10 Abr. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-ict/pibic-em>. Acesso em 11 Abr 2022.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas. **Comunicação & Sociedade**, Ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011.

BARROS, José D'Assunção. Cinema-história: Múltiplos aspectos de uma relação. **Revista Dispositiva**, Volume 3, nº 1, 2016.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2001.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de; SASSERON, Lúcia Helena. Alfabetização Científica: uma revisão bibliográfica. **Revista Investigações em Ensino de Ciências** – V16(1), 2011. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/246>. Acesso em 09 Abr 2022.

CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para inclusão social. **Revista Brasileira de Educação [online]**, n. 22, 2003, p. 91. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000100009>. Acesso em 10 Abr 2022.

CLARO, Silene Ferreira. História e cinema: cultura histórica da sociedade contemporânea. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social**. Natal, RN, 22 a 26 de julho de 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371343716\\_ARQUIVO\\_Historiaecinema\\_culturahistoricadasociedadecontemporaneaANPUH2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371343716_ARQUIVO_Historiaecinema_culturahistoricadasociedadecontemporaneaANPUH2013.pdf). Acesso em 13 Abr 2022.

CLARO, Silene Ferreira. Cinema e História: uma reflexão sobre as possibilidades do cinema como fonte e como recurso didático. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica** - No 10 - dezembro de 2012 - São Paulo: FICS. Disponível em: [http://fics.edu.br/index.php/augusto\\_guzzo/article/view/132](http://fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/132). Acesso em 13 abr 2022.

COELHO, Maria Filomena Costa. Ser Mulher na Idade Média. **Textos de História**. Brasília, v. 5, 1997, p. 82-91. Disponível em:

[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21162/1/ARTIGO\\_SerMulherIdadeMedia.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21162/1/ARTIGO_SerMulherIdadeMedia.pdf).

Acesso em 13 Abr 2022.

DUARTE, Magda Rita Ribeiro de; RUST, Leandro Duarte. Desaprender para reaprender: o Papado medieval na formação de professores. In: VIANNA, Luciano José (Org.). **A história medieval entre a formação dos professores e o ensino na Educação Básica no século XXI: experiências nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021.

DUBY, Georges. **Damas do século XII, Heloísa, Isolda e Outras Damas do século XII**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GAJANO, Sofia. Santidade. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2006, p.449-462.

LIMA, Marcelo Pereira. Inocência III. In: NASCIMENTO, Renata C. de S.; SOUZA, Guilherme Queiroz de. (Orgs.) **Dicionário: cem fragmentos biográficos. A Idade Média em trajetórias**. Goiânia: Tempestiva, 2020, p. 331-336, entre outros.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 5ª. Ed. São Paulo SP. Contexto, 2002.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média nas aulas de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 109 – 125

**Regra de Santa Clara.** Disponível em: [https://www.capuchinhos.org/images/franciscanismo/santa\\_clara\\_assis/fontes/escritos\\_1\\_regra.pdf](https://www.capuchinhos.org/images/franciscanismo/santa_clara_assis/fontes/escritos_1_regra.pdf). Acesso em 11 Abr 2022.

RUST, Leandro Duarte. Inventando Gregório VII: os *Ad Heinricum IV Imperatorem libri VII* e a busca pela medida do passado. **Varia Historia**. Belo Horizonte, Vol. 31, n. 55, p. 21-51, jan/abr, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-87752015000100003>. Acesso 13 Abr 2022.

RUST, Leandro Duarte. O heroísmo ao avesso: os antipapas e a memória historiográfica da política papal (1040-1130). **História (São Paulo)** v. 30, n.2 p. 266 – 292, ago/dez, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000200013>. Acesso 13 Abr 2022.

RUST, Leandro Duarte. O papado na Idade Média. In: SILVA, Paulo Duarte; NASCIMENTO, Renata Cristina (Orgs.). **Ensaio de História Medieval: temas que se renovam**. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 51-72.

SILVA, Valéria Fernandes da. **A Construção da Verdadeira Religiosa no Século XIII: O Caso de Clara de Assis**. Tese (Doutorado) UnB. Brasília, 2008.

SILVEIRA, Marta de Carvalho. A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa. **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro V. 11, n. 2, 2017, p. 80-107. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/11851>. Acesso em 13 Abr 2022.

VIANNA, Luciano José (Org.). **A história medieval entre a formação dos professores e o ensino na Educação Básica no século XXI: experiências nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021.

VIANNA, Luciano José. Do presente para o passado: uma reflexão sobre o Ensino de História Medieval na contemporaneidade. **Revista TEL**, Irati, v. 8, n. 2, Jul-Dez / 2017, p. 16 – 31. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/10896>. Acesso em 10 Abr 2022.

Recebido em 13- 04- 2022

Aprovado em 11 - 07 - 2022

Publicado em 25-07- 2022